

A SITUACIONALIDADE E A ACEITABILIDADE COMO ELEMENTOS ORIENTADORES PARA A PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE TEXTOS

Anderson Monteiro ANDRADE¹

Docente da UNIFAP
Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP

Fernanda Pereira PENEDO²

Doutoranda em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

O presente artigo apresenta discussão que coloca em relevo a situacionalidade e a aceitabilidade como importantes recursos orientadores para a produção e recepção de textos. Para tanto, objetiva proceder a uma revisão destes elementos e de suas ocorrências/ausências em gêneros textuais diversos, a saber: redação escolar, composição musical e tira. Adotamos como referencial teórico, principalmente, Fávero (1986), Koch (1985) e Marcuschi (2008) e utilizamos como procedimento metodológico a análise qualitativa destes elementos de textualidade nos gêneros textuais mencionados. Concluímos afirmando que estes se configuram como recursos relevantes para o processo comunicativo.

Palavras-chave: Linguística Textual. Texto. Gêneros Textuais. Situacionalidade. Aceitabilidade.

Introdução

A Linguística Textual, doravante LT, começou a desenvolver-se na Europa a partir do final da década de 1960, especificamente na Alemanha, e tem se dedicado a estudar os princípios constitutivos do texto, bem como os fatores envolvidos em sua produção e recepção. Nesse sentido, a noção de textualidade ganhou relevo entre os estudiosos desta corrente e tem sido entendida como o conjunto de características que fazem com que o texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases.

Focalizando dois dos critérios de textualidade, este trabalho objetiva proceder a uma revisão do que a teoria tem estabelecido a respeito da situacionalidade e da aceitabilidade; além deste, objetivamos também: i-) lançar mão de discussão que coloque em análise a situacionalidade e a aceitabilidade como importantes recursos de que dispõem os usuários da língua na produção e na recepção de textos diversos; ii-) analisar a ocorrência/ausência destes critérios em gêneros textuais diversos, a saber: redação, tira composição musical; e iii-)

¹ Endereço eletrônico: andemonteiro@gmail.com

² Endereço eletrônico: fpereirapenedo@yahoo.com.br

observar a ocorrência de quebra de máximas conversacionais de forma intencional e sua interface com a aceitabilidade textual.

A escolha pelos diferentes gêneros textuais utilizados para a análise explica-se pelo fato de entendermos que os critérios a que fazemos referência são passíveis de ocorrência em textos de diferentes estilos, composições e funções, sendo nossa escolha pautada pelo motivo de serem manifestações textuais frequentemente utilizadas seja na produção escrita (redação), bem como na leitura (composição musical e tira), pois, assim, é possível observar a importância da situacionalidade e da aceitabilidade tanto no momento da produção de determinado texto, assim como na sua recepção.

Nesse aspecto, há que se destacar a importância dos critérios da situacionalidade e da aceitabilidade no momento da produção de determinado texto, assim como na sua recepção.

Este artigo está constituído, após introdução, de três partes teórico-analíticas. A primeira, denominada de **Situacionalidade e aceitabilidade: a que se destinam?**, apresenta uma resenha do que a literatura estabelece sobre estes dois critérios. Para tanto, utilizamos as considerações de alguns teóricos que seguem, com poucas exceções, o que foi produzido por Beaugrande e Dressler (1981), em seus estudos, quando trouxeram a contribuição para a LT a partir da afirmação da existência da textualidade como fenômeno constitutivo do texto e os critérios que a ela se referem.

No tópico seguinte, fazemos menção à teoria proposta por Paul Grice (1975) quando afirma que, para a manutenção e eficácia do diálogo, os interactantes devem seguir o Princípio da Cooperação e, assim, urge a importância de não quebrar algumas máximas que são necessárias para a efetivação da comunicação. Pelo fato de a aceitabilidade estar ligada, necessariamente, aos participantes da interação, a explicação para a existência do tópico emerge da necessidade de se observar as máximas conversacionais como importante teoria que promove a interpretação, a construção do sentido do que é veiculado na interação comunicativa.

O terceiro tópico apresenta as análises por meio dos gêneros textuais já citados e permite observar como os dois critérios se efetivam nos textos e, além disso, permite verificar a sua importância para a elaboração do texto, leia-se produção, bem como para sua compreensão. Após estes tópicos, apresentamos as conclusões a que chegamos e as referências utilizadas para a produção deste artigo.

Situacionalidade e aceitabilidade: a que se destinam?

Antes de adentrarmos na discussão que coloca em destaque a situacionalidade e a aceitabilidade, julgamos necessário tecer algumas considerações a respeito da textualidade. Dessa maneira, em estudos realizados no terceiro momento da LT³, a preocupação era elaborar uma teoria do texto para descrever a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em seu uso. Esta ideia era contrária ao que propunham as gramáticas textuais que consideravam relevantes apenas a competência textual do usuário para as seguintes tarefas:

- verificação do que faz com que um texto seja um texto, ou seja, a busca da determinação de seus princípios de constituição, dos fatores responsáveis por sua coerência, das condições em que se manifesta a textualidade;
 - levantamento de critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma das características essenciais do texto;
 - diferenciação de várias espécies de textos.
- (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 14 citadas por BENTES, 2004, p. 250-251)

Conforme assinala Marcuschi (1998a, citado por BENTES, 2004, p. 251), o terceiro momento da LT preocupa-se em analisar o texto em seu contexto pragmático, ou seja, numa investigação realizada do texto ao contexto. Entende-se por contexto o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação textual.

Por volta da década de 70, ganhou espaço a discussão sobre a noção de textualidade e, para tanto, foi introduzida a ideia de algumas mudanças em relação à concepção de língua, deixando de ser vista como virtual, passando a ser entendida como um sistema atual de uso efetivo em situação comunicativa. Além disso, o estudioso apresenta nova ideia a respeito da concepção de texto, entendido, então, como processo e não mais visto como produto acabado. (MARCUSCHI, 1998a, citado por BENTES, 2004).

Uma das importantes discussões em relação à textualidade repousa sobre a ideia de que o sentido de um texto está ligado a fatores de diversas ordens, quais sejam: linguísticos,

³ A Linguística Textual passou por três momentos: o da análise transfrástica, o das gramáticas textuais e o da teoria ou linguística de texto. O primeiro momento voltava-se para fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou semânticas que ficassem limitadas ao nível da frase. O segundo momento, percebendo lacunas deixadas pelo primeiro, tinha a ver com a análise dos fenômenos dos quais não se tinham explicações por meio de gramática sentencial. Passou-se a conceber a ideia da existência de gramáticas textuais conforme a competência textual dos falantes. No terceiro momento da Linguística Textual, a preocupação centrava-se na criação de uma teoria que explicasse o texto em seu contexto de produção, sendo, portanto, processo de determinada ação interlocutiva.

cognitivos, socioculturais e interacionais, comprovando que o texto não se constrói centrado apenas numa gramática textual, mas nos critérios de textualidade.

Assim, para Koch e Travaglia (1989 citados por BENTES, 2004, p. 257), “[...] a textualidade ou textura é aquilo que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de palavras. A sequência é percebida como um texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global”.

Segundo Koch (2009), em consonância com outros teóricos e ao encontro do estabelecido por Beaugrande e Dressler (1981), sete são os critérios de textualidade, os quais dão a garantia de uma boa produção/recepção. São eles: a coesão, a coerência, a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade. Todos estes critérios encontram-se centrados no texto e nos usuários, pois estão intrinsecamente ligados uns aos outros. Evidentemente, o contexto apresenta-se como fundamental em todo o processo. Dessa forma, estes critérios têm de ser observados por seu aspecto bidirecional, vez que são integrantes dos conhecimentos linguísticos e conhecimentos de mundo utilizados para a produção do texto por meio da configuração linguística e da situação comunicativa.

Os sete critérios de textualidade são entendidos por Beaugrande e Dressler (1981) como princípios constitutivos da comunicação textual que funcionam integradamente com três princípios reguladores – a eficiência, a eficácia e a adequação –, cujo papel seria viabilizar o monitoramento do processo comunicativo pelos participantes. Assim,

a eficiência de um texto diz respeito à sua capacidade de comunicar com o mínimo de esforço tanto do produtor quanto do receptor; a eficácia está ligada à sua capacidade de “impressionar” o receptor e criar condições favoráveis para a consecução do objetivo do produtor; a adequação tem a ver com a pertinência e relevância do arranjo que constitui sua textualidade com relação ao contexto em que ocorre. (COSTA VAL, 2010, p. 41)

Após esta sumária consideração sobre a textualidade, passemos a discutir aquilo que é o cerne de nosso trabalho e, assim, apresentamos, à luz da teoria, de que forma os critérios da situacionalidade e da aceitabilidade são utilizados como estratégias na produção e recepção de textos orais e escritos.

Segundo Koch (2009), a situacionalidade pode ser observada em duas direções: da situação para o texto e do texto para a situação. Esta afirmação pode ser observada por dois sentidos. O primeiro deve ser considerado devido aos fatores que tornam o texto relevante para uma situação comunicativa. Com isso, fatores como contexto sócio-político-cultural,

escolhas de termos como grau de formalidade, regras de polidez, variedade linguística, tratamento a ser dado ao tema fazem parte da situação para o texto.

Por outro lado, o segundo sentido, que parte do texto para a situação, faz referência a que, na produção textual, o texto é reconstruído de acordo com as vivências, experiências, objetivos, propósitos, convicções, crenças, ou seja, o modo de ver o mundo do produtor. Cabe ao interlocutor, diante desses fatores, fazer a interpretação conforme seus propósitos e perspectivas.

A situacionalidade é o modo como se relaciona o evento textual à situação (social, cultural, ambiente). Marcuschi (2008) assevera que o contexto não serve apenas para a interpretação do texto, mas para orientar a criação dele. Para o autor, a situacionalidade é um critério estratégico, vez que pode ser vista como um critério de “adequação textual”, ou seja, uma estratégia que permite tornar um texto coeso e coerente adequando-o à situação de comunicação, levando-se em consideração a intenção comunicativa, objetivos, destinatários, regras socioculturais, recursos linguísticos e outros elementos da situação.

Em razão da estreita ligação entre a situacionalidade e o contexto, é preciso entendê-los como distintos, visto que o contexto é o aspecto central, mas não pode ser definido como situacionalidade, já que esta precisa ser adequada ao contexto e aos seus usuários. A respeito da recepção do texto, a discussão, a partir de então, volta-se para o critério da aceitabilidade. Nesse sentido, urge a necessidade de explicação do surgimento desta terminologia, posto que, noutra direção, especificamente a respeito da corrente gerativa, este termo também é utilizado.

Assim, conforme postula Fávero (1985, p. 8), “o termo aceitabilidade ganhou relevo gradualmente durante pesquisa para provar a existência de uma gramática para uma língua capaz de gerar todas as operações gramaticais dessa mesma língua e excluir as agramaticais”. Na mesma direção, Marcuschi (2008) estabelece a necessidade de se evitar equívocos quanto à definição da aceitabilidade e, para tanto, assinala que:

É importante não confundir essa noção de aceitabilidade enquanto critério da textualidade com o mesmo termo usado na gramática gerativa. Pois o texto diz respeito ao sistema da língua atualizado e não a um sistema virtual... A aceitabilidade, enquanto critério da textualidade, parece ligar-se a noções pragmáticas e ter uma estreita interação com a intencionalidade, como lembrou Beaugrande (1997, p. 14). (MARCUSCHI, 2008, p. 128)

Pelo que foi aventado, é possível conceber que a aceitabilidade, no campo da corrente gerativa, diz respeito à competência linguística que os usuários das línguas naturais têm em gerar, criar novas sentenças desde que estejam em consonância com as regras de

gramaticalidade. Por outro lado, e com atenção para o que nos interessa, a aceitabilidade, no campo da LT, refere-se à competência textual de que dispõem os usuários da língua.

Esclarecida esta distinção, utilizamos alguns apontamentos teóricos sobre a aceitabilidade textual e, para tanto, conforme sinaliza Fávero (1986, p. 8), “[...] em sentido estrito, diz respeito à atitude do alocutário de que a série de ocorrências deve constituir um texto coesivo e coerente, que tem alguma relevância para ele, por exemplo, veicular conhecimento ou permitir cooperação[...]”. A autora ainda acrescenta que a aceitabilidade tem ligação direta com o critério da intencionalidade: constitui-se num importante controle para a seleção e motivação do uso das alternativas num texto que estão na dependência direta das intenções do locutor que vai, desta forma, utilizar determinados elementos linguísticos para orientar o alocutário num determinado sentido. (FÁVERO, 1986, p. 8)

Na certeza de que a intencionalidade e a aceitabilidade são elementos que se relacionam, é possível estabelecer, então, que esta corresponde à predisposição do parceiro para apreender, captar os sentidos do que é dito pelo outro. Constitui também um esforço de cooperação, no que resulta, para a atividade verbal, na existência de uma cooperação mútua cujo efeito maior é a comunhão de sentidos e de intenções.

Em razão do que apresentamos, é possível entender que a aceitabilidade é a contraparte da intencionalidade, uma vez que se refere à concordância do interlocutor e, a este respeito, seguimos o que estabelece Koch (2015, p. 51), quando afirma que,

como postula Grice (1975), a comunicação é regida pelo princípio de cooperação. Em sentido restrito, refere-se à atitude dos interlocutores de aceitarem a manifestação linguística do parceiro como um texto coeso e coerente, que tenha para eles alguma relevância. (KOCH, 2015, p. 51)

A construção de sentido de determinado texto, tornando-o interpretável, coerente e coeso, é possível por meio do Princípio da Cooperação que se efetiva entre os participantes da comunicação que, engajados na manutenção da interação, têm de seguir alguns princípios para que a interpretação da informação veiculada seja efetivada. Assim, no tópico seguinte, apresentamos algumas considerações a respeito das máximas conversacionais e sua relação com a aceitabilidade.

As máximas conversacionais e sua interface com a aceitabilidade textual

Para estabelecer as regras que regem o diálogo, Grice (1982[1975]) parte da hipótese de que os participantes de uma interação fazem esforços cooperativos; se não inicialmente, mas no decorrer da interação, esses esforços são verificados, caso contrário, não existe comunicação. Essa hipótese deu origem ao princípio geral da conversação: o que Grice denomina de Princípio da Cooperação.

Além desse Princípio, Grice (1982[1975]) postula quatro categorias, com máximas e submáximas, as quais devem ser cumpridas para que uma interação (conversação) seja bem sucedida. Para tanto, o teórico estabelece a existência de quatro máximas, a saber: de quantidade, de qualidade, de relevância e de modo. Passemos, a partir de então, a tecer algumas considerações a respeito destas máximas.

A categoria da quantidade relaciona-se com a quantidade de informação a ser fornecida e a ela correspondem os seguintes aspectos: i- faça com que a sua contribuição seja tão informativa quanto o requerido para o propósito corrente da conversação; e ii- não faça com que sua contribuição seja mais informativa do que é requerido.

A Categoria da qualidade refere-se à veracidade da informação transmitida e, para a sua efetivação, há a necessidade de seguir as seguintes condições: não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada. A Categoria da relação efetiva-se por meio da seguinte máxima: Seja relevante.

Por fim, a Categoria do modo refere-se a como o que é dito deve ser dito. A máxima é: Seja claro. Além da máxima, a categoria do modo, para a sua efetivação, deve seguir os seguintes imperativos: evite obscuridade na expressão; evite ambiguidade; seja breve (evite prolixidade desnecessária); e seja ordenado.

Estas quatro categorias foram propostas, para, com o Princípio da Cooperação, regerem uma interação bem sucedida. Então, “[...] para que se tenha uma interação ‘feliz’ é preciso que essas categorias sejam observadas em toda a interação. Sendo que a não observância, de forma não intencional, de um desses preceitos poderá acarretar ruídos e mal-entendidos” (ESPÍNDOLA, 2010, p. 29).

A proposta de Grice, inicialmente, era procurar entender como é possível dizer mais do que está literalmente dito linguisticamente. Para tanto, chega à conclusão de que isto é possível por meio das implicaturas. A este respeito, o teórico estabelece que a implicatura se efetiva a partir de duas situações: as convencionais e as não convencionais. A respeito da primeira, Grice assevera que se trata de uma inferência resultante do significado convencional das palavras. Assim, faz emergir a noção de pressuposto que se torna interpretável por meio

de determinado item que se apresenta marcado no enunciado. Para ilustrar, vejamos o exemplo a seguir:

Pedro ainda não parou de beber cerveja.

Este enunciado apresenta algo que está posto, ou seja, a informação de que Pedro faz ingestão de bebida alcoólica, especificamente de cerveja. Todavia, a partir do vocábulo *ainda*, é possível entender o pressuposto de que há a possibilidade de Pedro parar de beber. Nesse sentido, é cabível acrescentar que a inferência, neste caso, não é estritamente contextual, ela é possível pela presença de um termo que tem como significado convencional introduzir uma informação pressuposta.

A respeito da implicatura não convencional, também denominada de implicatura conversacional, o teórico indicia que tem a ver com a quebra das máximas conversacionais supracitadas. Assim, seu interesse era verificar como, respeitando o Princípio da Cooperação, mas quebrando uma dessas máximas, o locutor consegue dizer ao interlocutor mais ou além do que está dito; e, por outro lado, como o interlocutor consegue também ler mais do que está dito na estrutura linguístico-discursiva. Neste artigo, interessa-nos observar as quebras de máximas intencionais e, a isto, fazemos referência no tópico que se segue.

Após as considerações arroladas nestes tópicos teóricos em que levantamos, de alguma forma, o que tem sido propagado a respeito da situacionalidade e da aceitabilidade textual, bem como da teoria das máximas conversacionais que fazem emergir implicaturas por meio de quebra intencional de alguma(s) da(s) máxima(s) citada(s), passamos, no tópico seguinte, a observar as suas ocorrências nos gêneros textuais selecionados para análise.

Análise dos corpora

Os primeiros textos a que fazemos referência em relação à situacionalidade são as redações do Exame Nacional do Ensino Médio, avaliação realizada uma vez por ano que, além de medir o conhecimento do candidato em face do que ele aprendeu no ensino médio, garantiria, hodiernamente, àquele com boa nota na produção, o ‘passaporte’ para adentrar no ensino superior. Os temas variam anualmente, mas o que não muda é a situação de produção, já que, para a elaboração do texto, há a necessidade de seguir, além de outras, estas

orientações: utilizar a norma padrão escrita da língua portuguesa, manutenção do tema e atendimento ao tipo textual dissertativo-argumentativo.

Vejamos, abaixo, alguns exemplos de infração às situações comunicativas prescritas pelo ENEM e que são necessárias para que o texto seja interpretável, logo, aceito como coeso e coerente pelo seu respectivo avaliador. É importante destacarmos que as redações, retiradas do manual do avaliador do ENEM do ano de 2014, dizem respeito à proposta acerca dos efeitos da Lei Seca, do ano de 2013. A primeira redação, a que denominamos de redação A, não atendeu ao tema proposto; e a segunda, denominada de redação B, além de fugir ao tema proposto e apresentar partes desconectadas, tem problemas quanto ao tipo textual dissertativo-argumentativo solicitado.

Redação A

Redação que fugiu ao tema

Exemplo de redação que fugiu ao tema, ou seja, não tratou do tema proposto em 2013:

bom!! Falar sobre o Enem é uma uma oportunidade para nós, e um privilegio para todos que sonha e se o concretizar esse lindo sonho, concretizar e uma grande vitória Para nós.

A esperança nunca morre., Jamais podemos perder ela.

Esse sonho tem um objetivo na minha vida e nas queles que estão a espera do seu futuro. O futuro e sonhar e o sonho e realizar. Vitoriosos somos tudo Pra Deus não é impossível. Nada e, porque somos mais do que vencedores.

O objetivo e crescer no conhecimento e dar o melhor!!!..

Redação extraída do manual de avaliação do ENEM 2014

Redação B

Redação com parte de texto deliberadamente desconectada do tema proposto

Exemplo de redação que apresenta Parte desconectada:

A lei seca diz que é proibido dirigir embriagado, ou que tenha engerido qualquer quantidade de álcool, se pararem qualquer pessoa que esteja dirigindo embriagado, tem direito a multa ou até mesmo ser preso, pelo fato de poder causar algum acidente de trânsito, se for beber não dirija, e nem saia de casa sem comer, pois pode correr o risco de vomitar, por isso prepare o "famoso" arroz de forno da minha avó (modo de preparo, pegue uma forma, coloque arroz, depois uma camada de frango desfiado com molho, depois mais uma camada de queijo, mais uma camada de arroz, mais uma de frango desfiado com molho, e por ultimo mais uma de queijo, fica uma delícia, então se for sair coma o arroz de forno da vó Ilda). Retomando, esta "missão" está dando certo, diminuiu muito o número de acidentes, mas ainda não é o bastante, o governo brasileiro tem de ser muito mais rígido, com mais blitz nos finais de semana e com mais policiais nas ruas, não

Redação extraída do manual de avaliação do ENEM 2014

Em A, fica clara a falta de domínio da escrita padrão da língua portuguesa. Vide a expressão “[...] a esperança nunca morre. Jamais podemos *perder ela*”. Há, ainda, problemas quanto à concordância. Além do pouco domínio padrão da escrita, fica clara a fuga ao tema proposto, uma vez que, nem implicitamente, é possível inferir qualquer relação do que foi escrito ao que foi solicitado. Nesse sentido, valendo-se de argumentos que permitem

compreender o desejo que este(a) candidato(a) tem em melhorar seu futuro, conseguindo, talvez, por meio da nota alcançada no ENEM, sua aprovação para o ensino superior, ocasiona, também, falta de aceitabilidade, visto que os avaliadores esperavam um texto que fizesse referência à situação de comunicação exigida por este instrumento de avaliação.

Em B, além de problemas relacionados à escrita padrão da língua portuguesa, é possível percebermos que o(a) candidato(a) infringe o tipo textual solicitado quando acrescenta, como parte desconectada, o modo de preparo de um arroz tal qual é feito pela sua avó. Com isso, podemos perceber que há uma quebra do tipo dissertativo-argumentativo que estava sendo, até então, desenvolvido e, assim, esta parte desconectada, além de apresentar fuga ao tema, ocasiona uma mudança do tipo textual, posto que o modo de se preparar um arroz está de acordo com a injunção, tipologia não sugerida pelo ENEM. Tal observação é possível quando percebemos a presença de imperativos – característica dos textos injuntivos – na parte desconectada do texto.

O próximo texto que selecionamos para analisar, à luz da situacionalidade, e observando também a sua relação com a aceitabilidade, diz respeito à composição “Cálice”, de Chico Buarque de Holanda em parceria com Gilberto Gil, composta no ano de 1973. Observemos:

Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga
 Tragar a dor, engolir a labuta
 Mesmo calada a boca, resta o peito
 Silêncio na cidade não se escuta
 De que me vale ser filho da santa
 Melhor seria ser filho da outra

Outra realidade menos morta
 Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado
 Se na calada da noite eu me dano
 Quero lançar um grito desumano
 Que é uma maneira de ser escutado
 Esse silêncio todo me atordoia
 Atorreado eu permaneço atento
 Na arquibancada pra a qualquer momento
 Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda
 De muito usada a faca já não corta
 Como é difícil, pai, abrir a porta

Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça.

Percebe-se, na composição, a existência de um jogo de palavras muito bem construído, permitindo observar uma extensão de seu sentido que, diferentemente do sentido literal, apresenta outra significação devido ao seu valor metafórico e contexto em que são utilizadas.

Esta composição, escrita no período em que o Brasil, sob o governo Médici, enfrentava a falta de liberdade de expressão, leia-se ideologia, e sofria censura por causa do regime militar que perdurou por duas décadas, continua, depois de passados mais de quarenta anos de sua composição, sendo facilmente reconhecida como uma das que marcaram a música popular brasileira. Todavia, para que se possa observar a situacionalidade e, por extensão, o entendimento que torna este texto aceitável em relação aos objetivos/intenções de quem o produziu, é necessário fazer remissão ao contexto histórico, social, político, cultural e ideológico à época em que foi escrito. Do contrário, a interpretação será deturpada, já que é necessário reconhecer o que ocorria no país no período de sua criação. Ressalte-se que a intenção, na produção desta composição, era, de fato, criticar, ainda que de forma velada, o regime militar.

Nesse sentido, é importante frisarmos que o nosso objetivo em analisar os critérios da situacionalidade e da aceitabilidade, nesta composição, é apenas para que seja possível perceber o quanto estes fatores ajudam na produção e recepção e, sendo assim, não temos o interesse em fazer uma análise profunda da composição em tela, mas apenas intensificar a ideia de que a situacionalidade, sobretudo a que segue da situação para o texto, deve ser levada em consideração para que o texto seja interpretado observando-se as intenções dos seus autores.

Ao fazermos a leitura dos versos sem saber o período em que foram criados e sem ter informações do contexto de produção, podemos fazer uma interpretação realizando uma analogia religiosa por meio do *cálice* de Jesus Cristo. Mas, levando-se em consideração a

época em que foi escrita e observando-se o termo cálice, é possível entendermos o imperativo *cale-se*, compreendendo, pois, a existência da crítica em relação à ditadura militar, uma vez que era proibida qualquer manifestação contrária ao governo dos generais.

Outro gênero textual que utilizamos para analisar a situacionalidade, a aceitabilidade e a quebra intencional de máximas conversacionais é o gênero *tira*. Ressalte-se que uma das características desse gênero, em comparação à charge, por exemplo, é o seu caráter atemporal e que, por meio dos recursos imagéticos, de sua representação multimodal e do texto verbal, provoca o humor, fazendo emergir, geralmente, uma crítica social.

A tira é um gênero que circula na esfera jornalística e, dessa forma, valemo-nos de um exemplo produzido pelo cartunista Angeli, retirado do jornal *Folha de São Paulo*, de 25/04/1993. Observemos:



Angeli, *Folha de São Paulo*. 25/04/1993

Na parte superior do primeiro quadrinho, percebemos a presença do título Romeu e Dalila. Este título possibilita a ativação de determinados frames⁴ que temos armazenados em nossa cognição devido ao conhecimento representado pela história a respeito destes dois personagens. O primeiro, personagem de William Shakespeare, um dos principais autores da literatura universal, está inscrito na clássica história Romeu e Julieta. Assim, é possível fazer relação ao Romeu como símbolo da paixão. A segunda, representativa da história bíblica, pela sua exuberância, seduziu Sansão com a finalidade de descobrir o que permitia a sua força física. Conta a narrativa bíblica que Sansão se afeiçãoou à Dalila e os líderes dos filisteus foram à Dalila e ofereceram, cada um, mil e cem ciclos (unidade de peso de diversos povos na Antiguidade) para que Dalila descobrisse o segredo da força de Sansão e lhes contasse. Mediante a isto, por três vezes, Dalila perguntou o segredo da força de Sansão, e ele respondeu de forma errada. Porém, na quarta vez, Sansão disse que seu segredo estava no

⁴ Termo do campo da psicologia adotado pela linguística que tem a ver com estruturas cognitivas convencionais interiorizadas pelo falante e que representa o seu conhecimento sobre algo.

cabelo; os filisteus, então, cortaram seus cabelos, o capturaram, vazaram seus olhos e o mantiveram como prisioneiro.

Ao fazer a leitura da tira, percebemos que os personagens não correspondem, pelas suas ações, àqueles personagens que ativamos por meio dos frames, vez que o Romeu representado na tira não se coaduna à figura do Romeu, homem apaixonado da literatura inglesa. Dalila, por seu turno, também não corresponde à mulher exuberante, capaz de provocar desejo ao seu amado, visto que, pela sua passividade e pelos recursos imagéticos, percebemos que ela se distancia da Dalila representada pela história bíblica.

Diante destas considerações, observamos que, para que se chegue à interpretação da referida tira, urge a necessidade de conhecer o extralinguístico, ou seja, fazer relação com os fatores históricos em que estão representados nestes dois personagens conhecidos pela humanidade. Ademais, é necessário, também, saber as informações que se referem a estes personagens. Do contrário, a aceitabilidade ficará prejudicada, já que o leitor não conseguirá compreender as intenções do autor da tira, tampouco, entender os efeitos de sentido que emergem da situação de comunicação representada pela interlocução entre os dois personagens do gênero em tela.

No segundo quadrinho, Dalila responde, após ser inquirida no primeiro quadrinho, qual o motivo para o seu olhar. Na ocasião, ela responde que seu olhar é fruto de tristeza, mágoa, desilusão, apatia, tédio e solidão. A resposta de Dalila permite entender que o Romeu não oferece atenção ou se dedica à sua mulher, permitindo, então, a existência desses sentimentos negativos de Dalila.

O humor, algo recorrente do gênero, pode ser percebido no último quadrinho quando Romeu diz que Dalila teve sorte, pois ele havia pensado que o olhar dela seria devido à conjuntivite. Percebe-se, então, a ironia como geradora do humor, permitindo, ainda, entender que o Romeu quebra a possibilidade de manutenção do diálogo. Ressalte-se que Dalila está diante de seu Romeu desejando atenção. Este, por seu turno, evitando qualquer contato mais íntimo ou mesmo, evitando oferecer atenção, está de posse de um jornal.

Além de, no último quadrinho, haver a quebra da manutenção do diálogo, é possível inferir que há a quebra intencional das máximas da qualidade e da relação, uma vez que Romeu apresentou informação falsa quando falou que pensava que o olhar de Dalila estaria daquele jeito devido à conjuntivite, bem como foi irrelevante à situação de comunicação quando enunciou o que achava que seria motivado pelo olhar da Dalila, haja vista que esta não seria a informação que Dalila esperava.

Após as análises, apresentamos, no tópico seguinte, algumas considerações.

Conclusões a que chegamos

Este trabalho permitiu que chegássemos a concluir que os critérios analisados são de fundamental e significativa importância para o processo da comunicação, sobretudo no que concerne à produção e à recepção de textos seja na modalidade oral ou escrita. Permitiu entender, ainda, que os critérios de textualidade não são estanques e estes se recobrem em situações discursivas diversas. Assim, sua ocorrência se efetiva na configuração linguística e na situação comunicativa e, para isso, como bem apresenta Marcuschi (2008) e outros teóricos, há, para efeito de efetivação, a presença de conhecimentos linguísticos e de conhecimentos de mundo, permitindo, pois, estabelecer que os elementos de textualidade não estão centrados isoladamente no texto, usuário ou interlocutor, mas na integração destes elementos.

Por meio da análise nos gêneros textuais selecionados, foi possível observar que, mesmo que estes cumpram funções sociais diferentes, se representem por composições distintas, circulem em diversas esferas e apresentem vários domínios discursivos, são revestidos pelos elementos de textualidade analisados.

Por fim, acreditamos que compreender a importância desses elementos, bem como suas aplicações, aproxima quem escreve do bom desenvolvimento de produções textuais, tornando-as objetivas e possibilitando eficácia na recepção.

Referências bibliográficas

BENTES, A. C. Linguística Textual. In BENTES, A. C; MUSSALIM, F. (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA VAL, M. G. Repensando a textualidade. In AZEREDO, J. C. *Língua Portuguesa em debate*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

ESPÍNDOLA, L. C. *Linguagens, usos e reflexões*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

FÁVERO, L. L. Intencionalidade e aceitabilidade como critérios de textualidade. In FÁVERO, L. L; PASCHOAL, M. S. Z. *Linguística Textual: texto e leitura*. São Paulo: EDUC, 1986. Série Cadernos da PUC 22.

GRICE, P. Lógica e conversação. In DASCAL, Marcelo. (Org.) *Fundamentos metodológicos da linguística*, vol. IV. Tradução de João Wanderley Geraldí. Campinas: Unicamp, 1982.

KOCH, I. G. V. A situacionalidade como elemento de textualidade. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, vol. 18, n° 2, p. 21-28, junho de 1985.

KOCH, I. V. G. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RESUMÉ

Cet article présente les hangars de discussion éclairant sur le caractère situé et l'acceptabilité des ressources directeurs importants pour la production et la réception des textes. Pour cela, il vise à réviser ces éléments et leurs événements / absences dans divers genres, à savoir: l'écriture de l'école, la composition musicale et la bande. Nous avons adopté comme cadre théorique principalement Favero (1986), Koch (1985) et Marcuschi (2008) Nous avons utilisé une approche méthodologique à l'analyse qualitative des éléments de textualité des genres mentionnés et conclu en affirmant que ceux-ci sont configurés comme des ressources pertinentes au processus de communication.

Mots Clés: Textes. Situationnalité. Acceptabilité.

Envio: Julho/2016

Aprovado para publicação: Agosto/2016